

“Para ser contador tem que ser macho!” - A peleja de homens gays durante a formação em ciências contábeis em universidades do Nordeste brasileiro.

CARLOS ADRIANO SANTOS GOMES GORDIANO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

DANIEL DE JESUS PEREIRA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALAGOAS (IFAL)

MIRIAN GOMES CONCEIÇÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (UEFS)

“Para ser contador tem que ser macho!” - A peleja de homens gays durante a formação em Ciências Contábeis em universidades do Nordeste brasileiro.

1. Introdução *ou* Prepare o Seu Coração Para as Coisas Que eu Vou Contar...

Você não está acostumado com essa forma de escrever.
Sim, sabemos, é ousadia esse modo de aprender.
Na verdade, é um chamamento para outros tipos de expressão
da ciência e suas conquistas, de um mundo em transformação

Podemos unir o verso, a prosa e a cultura popular
expressões do sul do mundo que ao norte vai chegar (Silva, Sauerbronn & Thiollent, 2022)
para resolver problemas que buscamos solução
como a tal diversidade e também a inclusão.

Lá no Nordeste, seu doutor, tem labuta, sim senhor!
A região carrega a fama (como um santo num andor),
de terra de seca, cheia macho... macho homem sem frescor!
Mas se é mulher, fica em casa, com as crias a cuidar
E assim segue o machismo cultural a estruturar!

O sertanejo é um forte, foi Euclides quem falou, (Cunha, 2003)
reforçando a idéia de um homem dominador
nos Sertões lá da Bahia nordestino ele encontrou.
A cultura reforçava essa imagem de machão
seja em prosa, poesia ou na música de Gonzagãoⁱ
Quantas vezes já ouvi esse tipo de escolacho:
mulher tem que ser fêmea e o homem tem que ser macho?

“Mas as coisas estão mudando” alguém dirá rapidamente.
Responderemos que é verdade, mas não completamente!
Ainda há muito sofrimento, perseguição, violência
repressão para muita gente, prejudicando sua vivência.

Se há região de machões, tem profissão que é também.
agora junta as duas coisas, que a aflição logo vem.
A contabilidade é um exemplo de lugar bem machista
se é contador e nordestino, tem dois marcadores à vista!

O problema é se esse macho não é heterossexual
logo perde o seu valor no balanço patrimonial
sofre preconceito contábil daquele que não lhe é igual.
que se acha superior: mais importante, maior!

No passado o homem gay era uma patologia (Silva, 2022)
perversão, aberração todo nome se dizia.
Tal julgamento moral, fruto da modernidade,
socialmente construído foi cunhando tal “verdade” (Foucault, 1999)

A divisão “hetero-gay” trouxe grandes malefícios,
gays eram os desviantes indo para o sacrifício,
da exclusão e opressão diante da sociedade,
deviam viver afastados, invisíveis, na verdade! (Foucault, 1999)

Mas, foi-se o tempo da vergonha era nosso alimento.
Se esconder, sofre, chorar, isso sim era tormento!
Nossa voz não agradava, nosso jeito também não.
Me refiro ao homem gay, tema da investigação.

Esse homem que orienta sexualmente sua ação
no desejo por iguais, na faculdade ou profissão.
E na contabilidade por que seria diferente,
mesmo sendo uma profissão conservadora, lá tem gente!

O problema da pesquisa que queremos resolver
se resume numa pergunta que em cordel vamos dizer:
como ocorre a vivência da orientação sexual
durante a formação contábil de quem ama outro igual?

O objetivo está bem claro pois se busca compreender
a vivência do homem gay na formação, no aprender
das Ciências Contábeis em universidades nordestinas
do prazer e sofrimento em todas as suas rotinas.

Relatar isso em cordel foi um grande desafio.
Não maior que as barreiras que no mundo vivencioⁱⁱ
Falar em primeira pessoa também quebra paradigmas
de um texto impessoal que não cabe nessas rimas.
Certamente a academia começa abrir sua cabeça
para essas “novidades” e que a ciência apenas cresça!

Outro fato relevante para entender essa pesquisa
é reverberar a existência dessa gente incompreendida,
que por puro preconceito deixam a contabilidade
que perde os seus talentos, sua força e habilidade.
Homofobia irracional alimentada na cultura,
mas a cultura somos nós, que tal mudar essa estrutura?

Se meu corpo incomoda, meu amor, vão engolir!
Se no armário já lacrava imagine quando saí?
Por falar no tal armário já não serve para nada: (Stenger & Roulet, 2017)
atrasado, anacrônico houve grande debandada.
Mas entendo quem ainda sofre por estar por lá,
Já faz tempo descobri: meu papel é te apoiar!

Muitas formas de apoio envolvem assumir risco,
como escrever em versos esse artigo científico.
Pode causar estranhamento, mas não se espante, seu doutor!
É só abrir a sua mente e acolhê-lo com clamor.

É importante estudar diversidade sexual e combater os tais discursos de um ódio irracional. Lembrar que lá na ONU a Declaração Universal (ONU, 2023) reconhece ao indivíduo mesmo gay “não assumido” como uma pessoa “normal”! (Viegas & Pamplona Filho, 2020)

Diante desse movimento a ciência vai calar?
R2, correlação, podem não adiantar!
Cientistas da contabilidade esse artigo é um chamamento: olhem para esse fenômeno, é chegado o momento!

Veja a quantidade de gente que escreve sobre isso. Não tem rima para elas, nos perdoem, é bem difícil! E para facilitar a referência aos qualificados autores usamos notas no final, com tais senhoras e senhoresⁱⁱⁱ. Foucault (1999), Anderson (2002), Butler (2003), Cunha (2003), Jones & King (2014), Costa & Pires (2015), Viegas & Pamplona Filho (2015), Rumes (2016), Haynes (2017), Stenger & Roulet (2017), Batista Jr & Sato (2018), Egan (2018), Unerman (2018), Hammond (2018), McGuigan & Ghio (2018), Gomes & Félix (2019), Magno (2019), Viegas & Pamplona Filho (2020), Souza, Honorato & Beiras (2021), Lima et al (2021), Souza, Honorato & Beiras (2021), Santos, Lopes & McGuigan (2022), Silva (2022), Silva, Sauerbronn & Thiollent (2022),

Voltando agora para as rimas a introdução vamos fechar. Esse texto em cordel para o fenômeno apresentar. Nos perdoem essa ousadia, foi a forma de expressar, encontrada pelo grupo de autores a trabalhar. E se o congresso não se opõe, por que não utilizar?

2. Revisão de Literatura *ou* Uma Fuxicagem Sobre a Tal Diversidade

Ser não hegemônico é difícil nesse mundo opressor seja em casa ou no trabalho, na faculdade, haja dor! E ainda dizem que com a dor a gente aprende a lutar, mas a experiência é subjetiva, nem todo mundo há de aguentar.

E se a agressão insiste em estar no dia-a-dia, quem credita violência não debita alegria!
Gênero é performativo em função de nosso agir, como homens ou mulheres ou outras formas de existir.

É possível subverter essa ordem compulsória, posta pela sociedade ao longo da nossa história, (Butler, 2003) Pressões sutis são exercidas sobre quem oculta a identidade e oculta pelo estigma de viver na “clandestinidade” em ambientes profissionais e na profissão contábil integração e aceitação, ainda não saiu do armário (Stenger & Roulet, 2017)

Sobre tornar pública a sexual orientação,
eventos ameaçadores inibem tal revelação
e por isso muita gente ainda “ficar no armário”
há pressão pelo silêncio “se não perguntar, eu não falo!” (Gomes & Félix, 2018)
É como escreveu Caetano naquela canção da mulher:
“...cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é!” (Veloso, 1977).

“Sair do armário” não é fácil num hostil ambiente,
requer coragem e audácia, destemor inteligente!
Isso ajuda a construir nossa queer identidade, (McGuigan & Ghio, 2018)
fortalece nossas bases, não importa a nossa idade.

Em numeroso contexto da vida organizacional
O homem gay é percebido como alguém que é anormal.
Mal por ser desviante e por transgredir ao padrão (Anderson, 1977)
seu comportamento “torpe” confunde a multidão. (Stenger & Roulet, 2017)
Mas o problema é a norma que não o incluiu
respeitando sua vida, inclusive no Brasil.

Pela lógica dominante uma questão segue pairando
se você é minorizado pode ir se preparando
para ser discriminado pela sua condição
de gênero, sexo ou raça, haja discriminação! (Costa & Pires, 2015)

Muitas vezes o caminho é a identidade ocultar,
estratégia de sobrevivência, de certo modo, se humilhar.
Ocultar um estigma para muitos é preferível
do que lutar com o sistema, mas o custo é terrível. (Stenger & Roulet, 2017)
Esconder sua identidade é também um apagamento (Jones & King, 2014)
que em contadores gay causa dor e sofrimento.

Mas “as gay” são afrontosas e trabalham redobrado
para provar o seu talento no labor praticado
e com esse desempenho adquirem o respeito
se emponderam e argumentam sobre todos seus direitos (Costa & Pires, 2015).

E a teoria Queer, onde entra nessa história? (Butler, 2003)
reúne uma variedade de argumentos bem notória.
Sua ideia central é que gênero e sexualidade
não são fatos ontológicos, vejam que atualidade!

São mantidos no lugar, pela repetição normativa
de performances de gênero que conduzem toda a vida.
É assim que a teoria busca logo interromper
e desconstruir formações binárias de todo ser (Rumens, 2016; Egan, 2018).

Outra coisa importante que precisamos ressaltar
como gente LGBT^{iv} é que não nascemos a estrear
com um senso de identidade, mas com uma trilha a percorrer
nas questões de gênero, sexualidade e também autosaber. (McGuigan & Ghio, 2018)

Por lutarmos a vida toda, fomos criando resistência,
devido a batalha eterna que domina essa existência.
É difícil o caminho, muita dor, resiliência (McGuigan & Ghio, 2018)
mas não há mal que tudo dure, nos transformamos em potência!

Ignorando variações, defende a lógica ocidental
que homem gosta de mulher e que isso é o “normal”.
Mulher gostar de homem também é tradicional,
se sexo é biologia genitália, coisa tal,
tudo que fuja disso é combatido, é anormal (Viegas & Pamplona Filho, 2020)

Pessoas LGBTQIA+ no mundo todo estão sujeitas
a violência física e simbólica que até na educação é aceita! (Unerman, 2018)
A presença desses corpos, cujas vozes incomodam
seus cabelos, jeito e modos na faculdade afluam.

Simbólica ou concreta, a violência nos acompanha
pois desde cedo aprendemos “ou tu és homem, ou apanha!”.
Mas a mulher, o negro, o deficiente, também sofrem desse mal,
o nordestino, o velho, o índio, com tantos outros é igual!
Daí a necessidade de a academia refletir,
afinal, o que fazemos para esse quadro inibir?

É preciso que se diga sobre a discriminação,
que ela se caracteriza como uma forma de opressão
e está relacionada a não poder ser quem se é, (Lima et al., 2021)
produzindo sofrimento para homem e mulher.

Você conhece a história do tal termo “homofobia”
que conceitua a violência contra gays^v todos os dias?
Por George Weinberg inicialmente trabalhado
na década de 1970 ele foi anunciado,
como o pavor de estar próximo a homossexuais
retratando a aversão a quem ama seus iguais (Souza, Honorato & Beira, 2020).

É possível definir homofobia em categorias:
Tem a institucional que discrimina dia-a-dia
negando espaços aos gays punindo-os com maestria. (Souza, Honorato & Beira, 2020)
Há também uma outra na cultura reforçada
a homofobia recreativa das “gracinhas” e piadas.

Ainda há o que avançar no cenário mundial
em 72 países ainda é crime amar outro igual
E aplicam em outros oito a tal pena capital. (Unerman, 2018)
Condenados a morrer, mesmo na forma simbólica
estão os contadores gays ante a violência homofóbica.
Em mais de meio mundo desprotegidos estamos,
da discriminação no trabalho pois sem leis nos deparamos. (Unerman, 2018)

Contudo em partes do planeta os direitos LGBT+ evoluíram rapidamente, nas últimas décadas ainda mais (Hammond, 2018)
Com a garantia de direitos e muita visibilidade, oportunizada nas mídias com certa velocidade, nos alimenta a surpresa os diminutos estudos sobre inclusão dessa gente na contabilidade no mundo (Hammond, 2018).

A pesquisa contábil, até o presente momento tem focado no estigma LGBT+, no tormento! bem como na necessidade de políticas de inclusão, no RH nas empresas que superem a visão heteronormativa de pensar sobre o campo laboral, (McGuigan & Ghio, 2018) só que já passou da hora de mudar esse astral.

Pesquisas que se concentram apenas em certos aspectos culturais e identitários, nem sempre mostram os reflexos (McGuigan & Ghio, 2018) do que ocorre de fato com LGBTQIA+ no campo da Contabilidade a opressão ainda é demais.

Estudos sobre a vida de LGBTQIA+ no campo da contabilidade não nos opomos jamais! As concepções únicas de criatividade desse povo sua inovação e liderança só ajudam ao mundo novo, fazendo empresas de profissionais de contabilidade, ganharem novas perspectivas e muita produtividade! (McGuigan & Ghio, 2018).

Para as organizações que respeitam a diversidade o homem gay tem ambiente de segurança e liberdade e revela-se quem é e sua sexualidade e sem receio da opressão, é acolhido de verdade! (Costa & Pires, 2015).

Não dá mais para se esconder ou dizer “não é conosco”!
É conosco sim senhor, iluminar um mundo fosco.
Homem branco, cis hetero, que domina, dita regras... enquanto tanta gente sofre, nem o talento os liberta.

“Meu negócio é fazer conta, deixo isso para as ‘humanas’, sou social aplicada, não são minhas tais demandas!”
Tem gente da contabilidade que ainda pensa desse jeito, inclusive na academia, não entendem nosso pleito.

Tem ainda aquela gente que questiona a diversidade negando que o tema se ligue à contabilidade esse argumento tacanho, na verdade violência é mais uma tentativa de apagar nossa existência!

Apesar de recorrente, tal pensamento tacanho, não combina com o momento desse desafio tamanho.
Se a sociedade mudou, a contabilidade vem no rumo.
Se a empresa é diversa tem que incluir todo mundo.

O mundo está mudando e a profissão contábil também.
O “profissional de negócios” é quem domina esse trem,
ele tem mais personalidades e seu gênero é diverso,
assim como sua cultura que se estende ao universo (Egan, 2018).

Na contemporaneidade, em especial no estrangeiro,
grandes firmas da área se movimentaram ligeiro.
Focadas em incluir e promover diversidade
de seus gays contabilistas, como é linda essa verdade! (Egan, 2018)

Por exemplo, na Austrália, a lei CSDA^{vi}
tem o objetivo específico do preconceito mitigar.
No ambiente de trabalho não importa o seu gênero,
sexual orientação, se és gay ou se é transgênero (Egan, 2018).

Também lá no Reino Unido observa-se um movimento (Unerman, 2018)
que questiona o perfil do atual seguimento.
No ICAEW^{vii} hastearam a arco-íris bandeira,
atitude impensável no passado, tais maneiras!
Isso é reflexo do fato de que a profissão mudou,
contador pálido e “hétero” - onde tudo começou -
deu lugar ao colorido do diverso encantador.

Lá na Australia já se fala sobre a necessidade
de trazer um “eu” autêntico para a contabilidade (McGuigan & Ghio, 2018)
isso requer atenção, rever normativas estruturas
que se centram só em “heteros” e precisam de abertura. (Rumens, 2016; Haynes, 2017; Egan,
2018).

Notem que a mudança do mundo ocorre em velocidade,
e como resultado disso vemos na contabilidade,
acadêmicos e profissionais solicitados a pensar
novas forma criativas para todes^{viii} integrar (McGuigan & Ghio, 2018).

E mudança já começa na época da graduação
para colidir preconceitos, homofobia e opressão.
E olha só que coisa linda esses termos a rimar
“Contabilidade”, “Diversidade” a sociedade transformar.

Sobre o campo empresarial é importante compreender
que as rotinas das empresas em seu modo e proceder
(re)produzem desigualdades bem difíceis de esquecer. (Lima et al., 2021)
E a contabilidade? que pena! segue tal cartilha,
alimentando disparidades nos machuca e humilha.
É por isso que é hora dessa página virar,
promovendo mudanças para o mundo transformar.

Existe também um discurso, muito bem ensaiadinho em parcelas de empresas que dizem estar no caminho, da inclusão e diversidade de uma nova forma de pensar, a estrutura da empresa onde o gay vai trabalhar (Egan, 2018).

Mas a contabilidade tem uma longa história de ser bode expiatório e ser discriminatória. Mas a culpa “é dos clientes” não podemos contrariar, (Egan, 2018) justifica o tal “sistema” para o caixa não onerar.

Como os contadores gay só queremos performar nosso modo natural sem que venham nos julgar. Será então aquele tal vento do cheiro da nova estação, que Belchior na voz de Elis nos revelou em sua canção? (Belchior, 1976).

Tal mudança também tem que ocorrer na formação. Não me lembro quando jovem de professora “sapatão”, não que elas inexistissem, mas eram invisibilizadas, estratégia de sobrevivência, de tanta gente machucada. Mas agora essa turma, se cansou de se anular por que tenho que esconder minha forma de amar?

3. Percursos Metodológicos ou Com Quantos Paus se Faze uma Cangaia (e uma Pesquisa!)

Toda pesquisa tem um método e com essa é igual! Mas antes de falar dele, tipifica-la é o ideal. É um estudo descritivo, quanto aos seus objetivos e usa análise de discurso, logo é qualitativo. A pesquisa foi de campo, esse é seu procedimento. Tá aí a explicação de todo seu funcionamento.

Sobre a análise de discurso a explicação é natural: um olhar está no texto, outro no fenômeno social Elucidando os fatos desvelados no discurso E os sentidos produzidos da linguagem que está em uso (Batista Jr, Sato & Melo (2018).

Realizamos a coleta entrevistando quatro humanos, todos gays e nordestinos, recém formando ou graduandos. Google Meet foi o meio da entrevista efetivar, a distância impedia outra forma de falar.

E essa gente entrevistada de estados diferentes: Maranhão e Ceará a conversa foi potente; Paraíba e Pernambuco, também não ficaram atrás, tanto relato importante não esqueceremos jamais! E quando foi a tal coleta? do registro eu me lembro, essas entrevistas ricas feitas em 2021, setembro! Foram horas de conversas, relatos de profundas dores devidamente registradas cada palavra, dissabores.

E depois de tudo gravado deu trabalho a transcrição,
estava tudo autorizado - os discursos em questão.
Categorizar os relatos foi um passo importante
Para orientar as ideias dessa trupe participante
E suas falas potentes suas vivências distantes.

E na apreciação dos relatos observamos a linguagem
como prática social e não como uma atividade,
puramente individual, mas veiculadas a ideologias,
nos relatos sustentadas visões de mundo apareciam.
Análise crítica do discurso, é o método que nos guia. (Batista Jr, Sato & Melo (2018).

4. Análise dos Resultados ou A Dor e a Delícia de Ser o Que É!

Agora é aquela hora de apreciar o que eles dizem
retiradas das entrevistas falas tristes e felizes,
de quatro homens gay estudantes ou contadores
que soltaram o seu verbo de suas dores e amores.

Prazer e sofrimento aparecem nos relatos.
Se percebe uma mudança no cuidado com seu trato
se na universidade eles podem ser seus “eu” de fato
a mesma coisa não ocorre nas empresas e nos estágios.
Por ali ainda pairam preconceito bem velado
e outros bastante explícitos que ocorrem do seu lado:
violência simbólica, cochichos, gritos, risinho.
apelidos homofóbicos, *bullying* e falta de carinho.

Vamos falar um pouquinho do perfil dos entrevistados
dois ainda estudantes e os outros dois já formados,
todos se evocam cisgêneros, mas carregam outras marcas:
bichas pretas, periféricas, bicha padrão e afeminadas,
bicha parda classe média, bicha ursinho determinada.
bicha demissexual, fortaleza redobrada,
todos seguros de si, na contabilidade encantada
sabedores dos perrengues e agruras da jornada.

O que os relatos apontam sobre a contabilidade
é que ela é tradicional, conservadora, em verdade!
Existe um certo perfil para ser contador
roupas formais, discrição, modelando dissabor.
Isso complica para o gay que quer sorrir, colorir
e tem que se conter para não se despedir.

“Endurece teu jeito, rapaz!” “fala grosso, como homem!”
no trabalho contábil ou gays se calam ou somem.
É por isso que de contabilidade muitos gays têm aversão
não se sentem pertencidos e abandonam a profissão
optam por outras áreas que os receba e abracem
e não censure suas falas nem exijam que disfarcem

sua sexualidade, seu existir sem lamento
a contabilidade é quem perde sua potência e talento.

Todos concordaram num ponto: afeminado sofre mais!
Na faculdade ou no estágio se desmunhecar não tem paz.
Mas porque esse incômodo se o que importa é competência?
onde está o profissionalismo a gestão e a ciência?
Trate de abrir as portas e aceite meu talento,
pois o meu jeito é esse, não vou mudar, nem lamento!

Uma estratégia adotada é se esconder pelo silêncio
mas esse mal nos subordina e força o desaparecimento
o silêncio e a ausência atuam como um modo de poder
que subjuga os sujeitos, violenta e faz sofrer (Santos, Lopes & Mcguigan, 2022).

E se vier de brincadeira, aprendi a revidar,
já tenho a resposta pronta para vergonha causar
a quem se atrever me oprimir, ofender, discriminar,
pois sou bicha atrevida, prefiro bater a apanhar!

É claro que nem sempre sou forte e bate o desânimo,
esse é um grande risco, um pesadelo tamanho
que essas coisas externas afetem meu eu interior
inibindo minha potência, meu poder transformador.

É por isso que acredito que contabilidade
deve ouvir o nosso grito e que mude de verdade!
Presente nos discursos de quase todos os sujeitos
percebe-se que na academia se pode viver o “seu jeito”.
sua orientação sexual sem culpa, dolo ou medo,
dentro da universidade posso ser gay, sou aceito!

Ainda assim na faculdade também existe repressão
até em falas docentes, completamente sem noção.
Homofobia recreativa questionando capacidades,
queremos saber qual o dia cessarão tais maldades.
É estranho que entre docentes possuem formação
ainda perdurem em suas aulas, tantas formas de opressão.

Outro problema notado é a falta de referências
de pessoas LGBTQ+ na construção da existência.
No ambiente acadêmico a invisibilidade persiste:
cadê o gay professor, tenho certeza, ele existe!
Mas uma coisa eles notam que o amor está no ar,
antes apenas aos héteros permitia-se se expor namorar.
Agora a “facul’ tem casais gays de mãos dadas a passear.

É preciso alertar que há outros marcadores
que ampliam preconceito sofrimento e sabores.
Se sou gay e sou preto, sofro duplo preconceito,

se sou pobre e gay, a dor é dupla do mesmo jeito!
e se meu corpo não é “padrão” a coisa só complica,
se a voz é feminina, provisione essa dica:
meu trajeto é mais difícil homofobia comigo grita!

Uma coisa curiosa sobre sofrer homofobia,
foi a não percepção de ter passado essa agonia.
Quase todos entrevistados não se lembram de um dia
terem sido violados por tal crime e covardia.
Mas quando perguntados se conhece alguma vítima,
unanimemente falaram: “vejo isso todo dia”.

Tal relativização foi em pesquisas encontradas (Lima et al., 2021)
sobre o tema estudado de homofobias veladas,
por vezes não percebidas, por vezes não aceitadas.
Nem sempre é fácil entender o lugar de oprimido
em situações concretas há uma censura no rito,
em que a própria vítima não percebe a violência
pela qual passou em toda a sua existência.

A violência homofóbica possui várias faces
às vezes aqueles cochichos, quer por onde você passe,
ou mesmo não sendo escolhido na equipe do seminário,
ou te rejeitam amigos que te mantêm solitário.

E se sou um estudante não seguro na carreira,
esse processo aversivo só piora a “brincadeira”.
Quantas vezes questioneei se esse é o meu lugar?
mas se recebo apoio, fica mais fácil ficar,
superando inseguranças e enfim, contabilizar.

“Por que não fez outro curso?” essa pergunta já ouvi
“você muito criativo!” “seu lugar não é aqui!”
quem foi que autorizou esse povo a falar
qual curso devo fazer, qual área devo estudar?
Posso ser gay e criativo, posso ser gay e quadrado,
mas tenho meu livre arbítrio, não se meta nele não!

Há também a percepção da contabilidade mudando
de uma visão tradicional ainda se transformando.
Na contábeis moderna diversa e com inclusão,
há todo tipo de gente, sem importar condição!
ou modo de se vestir, ou do cabelo arrumar
o que importa agora, é o saber dominar!

Mas esse povo acredita que o mundo está a mudar,
com as pessoas se aceitando, exigindo seu lugar.
O emponderar coletivo é um caminho a trilhar.
Lutar numa guerra sozinho é mais difícil batalhar.

Para enfrentar a jornada fora da universidade
o caminho é a empatia e solidariedade.
Entendendo que sonho que se sonha só,
Faz do caminho difícil, pouco muda ao redor,
mas luta que se luta junto pode mudar a realidade
colidir com o preconceito e garantir diversidade.

5. Considerações Finais *OU* O Trem que Chega é o Mesmo Trem da Partida.

Essa pesquisa relatou a percepção de uma gente
que segue na luta com garra para existir, somente!
Numa contabilidade nova que começa a incluir
e que LGBTQIA+ se sintam pertencente aqui.

Foram observados marcadores da orientação sexual
durante a formação contábil, por quem ama outro igual.
Notou-se que na faculdade a inclusão está avançada
mas no ambiente de trabalho ainda não foi naturalizada.

O prazer e o sofrimento permeiam os relatos,
mas o homem gay é um forte^{ix} superando seus percalços.
Abandonar a contabilidade apareceu como opção
por não se sentirem acolhidos e respeitados na profissão
Entretanto a resiliência também se fez presente,
persistir na carreira é a opção para muita gente.

Percebe-se, portanto, que na contábil formação
a gay sexual orientação ainda é uma complicação.
A vivência do homem gay dentro da contabilidade
é permeada dissabores, falta a eles liberdade
principalmente aquela de ser aceito como se é,
não importando seu desejo se por homem e/ou mulher.

Como futuros estudos recomenda-se investigar
as outras pessoas da sigla^x para os resultados ampliar.
Já quanto às limitações, no método natural são
não generalizar achados para toda a população.

Chegamos ao fim da viagem, cheios de esperança
que outras logo se iniciem, alimentando a mudança.
E dentro da academia no seu contábil campo
que reconheça seus pares, para não perderem o encanto
pois desistir de uma área, apenas por ser gay
é reconhecer a vitória daqueles que se acham rei.

Referências *OU* Essa Gente Danada Que Sabe das Coisas.

Anderson, E. (2002). Openly gay athletes contesting hegemonic masculinity in a homophobic environment. *Gender & Society*, 16 (6), p. 860–77.

- Batista Júnior, J. R.; Sato, D. T. B.; Melo, I. F. (2018). *Análise de discurso crítico para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola.
- Belchior, A. C. (1976). *Como nossos pais*. Polygram, Rio de Janeiro.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Costa, W. S. da. Pires, J. C. de S. (2015). Sexualidade e Trabalho: discriminação e o preconceito sofrido pelos homossexuais no ambiente de trabalho. *Qualia: a ciência em movimento*, 1(1), p.78-105,.
- Cunha, E. da. (2003). **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Egan, M. (2018). LGBTI staff, and diversity within the Australian accounting profession. *Sustainability Accounting, Management and Policy Journal*, 9 (5), p 595-614.
- Foucault, M. (1999) *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Gomes, R., Felix, B. (2019). O self no armário: uma teoria fundamentada sobre o silêncio de gays e de lésbicas no ambiente de trabalho. *Cad. EBAPE.BR*, 17 (2), p. 375-388.
- Hammond, T. (2018) LGBTQI accountants: a call for oral history research . *Sustainability Accounting, Management and Policy Journal*, 9 (5), p. 615-624.
- Haynes, K. (2017) Accounting as gendering and gendered: a review of 25 years of critical accounting research on gender. *Critical Perspectives on Accounting*, 43, p.110-124.
- Jones, K. P.; King, E. B. (2014). Managing concealable stigmas at work: a review and multilevel model. *Journal of Management*. 40(5), p.66–94.
- Lima, J. P. R.; Casa Nova, S. P. de C.; Sales, R. G de.; Miranda, S. C. D. (2021). Regimes de (des)igualdade na auditoria: podemos levar nosso verdadeiro eu para o trabalho? *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, 20, p. 1-22.
- McGuigan, N.; Ghio, (2018). A. Queering accounting: opening up and connecting professional services firms. *Sustainability Accounting, Management and Policy Journal*, 9(5), p. 625-635.
- Organização das Nações Unidas – ONU. (2023). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em <<https://brasil.un.org/pt-br/91601-declara%C3%A7%C3%A3o-universal-dos-direitos-humanos>> Acesso em jun de 2023.
- Rumens, N. (2016). Sexualities and accounting: a queer theory perspective. *Critical Perspectives on Accounting*, 35, p. 111-120.
- Santos, T. A; Lopes, I. F.; Mcguigan, N. (2022). “Who Are You?”: The Psychic Effect of Silence, Diversity, Inclusion and Representativeness. In: *Anais... XXII USP International Conference in Accounting*. Disponível em <<https://congressosp.fipecafi.org/anais/22UspInternational/ArtigosDownload/4000.pdf>> Acesso em jul de 2023.
- Silva, A. P. da. (2022). Notas sobre o Feminismo, o Transfeminismo e a Política Brasileira. *Cor LGBTQIA+* 1(2), p. 42–67.
- Silva, C. M. Saurbronn, F. F. Thiollent, M. (2022). Decolonial studies, non-extractive methods, and participatory action research in Accounting. *Revista de Administração Contemporânea*, 26, (4), p.1-17.

Souza, D. C.; Honorato, E. J. S.; Beiras, A. (2021). Discriminação contra homossexuais no mercado de trabalho: revisão da literatura. *Psi UNISC*, 5(1), 127-143.

Stenger, S. & Roulet, T. J. (2017). Pride against prejudice? The stakes of concealment and disclosure of a stigmatized identity for gay and lesbian auditors. *Work, Employment and Society*. 32 (2)P.1-17

Unerman, J. (2018). Celebrating advances in LGBT+ diversity in the accountancy Profession: Not letting idealistic purity become the enemy of progress. *Sustainability Accounting, Management and Policy Journal*, 9 (5), p. 636-641.

Veloso, C. E. V. T. (1977). *Dom de Iludir*. Gapa / Warner Chappell: Rio de Janeiro.

Viegas, C. M. A. R.; (2020). Pamplona Filho, R. M.V. Discriminação de gênero e orientação sexual nas relações de trabalho. *Revista Argumentum* 21(1), pp. 39-64.

ⁱ Luiz Gonzaga, rei do Baião.

ⁱⁱ Aqui optou-se pelo uso da primeira pessoa no singular para viabilizar a rima.

ⁱⁱⁱ As citações são apresentadas em notas de modo a não quebrar a narrativa dos versos no texto.

^{iv} Adotamos a sigla completa LGBTQIA+ a abreviação se deu em função da rima

^v O conceito é ampliado para todas as pessoas LGBTQIA+

^{vi} Commonwealth Sex Discrimination Act 1984 e 2013

^{vii} Instituto de revisores oficiais de contas na Inglaterra e no País de Gales

^{viii} Optou-se aqui por utilizar um termo em linguagem não binária

^{ix} Paráfrase de Euclides da Cunha em “Os Sertões” (Cunha, 2003)

^x LGBTQIA+